

[Tradução de trabalho. Original: inglês.]

Os jovens e a descoberta da vocação matrimonial

Escutar os jovens e acompanhá-los na descoberta do valor do matrimónio

Sexta-feira, 9 de outubro de 2026
S.E.R. Mons. Stephen Fernandes

Santidade, Papa Leão XIV, Eminências, Excelências, queridos Irmãos em Cristo,

Estou grato pela oportunidade de refletir sobre os jovens e a sua descoberta da vocação ao matrimónio. Gostaria de começar com a convicção de que *os jovens não deixaram de ter sede de amor. O que se enfraqueceu, para muitos, é a confiança de que o amor possa durar.*

Esta distinção é importante. Se descrevemos os jovens principalmente em termos daquilo que lhes falta – fé, compromisso, estabilidade ou disponibilidade para o matrimónio –, corremos o risco de não escutar aquilo que realmente nos dizem através do modo como vivem e procuram estabelecer relações. Por baixo de muitas das suas hesitações encontram-se aspirações profundas: ser amados e aceites, pertencer, ser tratados com dignidade, encontrar autenticidade e construir um futuro com sentido.

O desafio que se coloca à Igreja, portanto, não consiste em começar por perguntar por que razão os jovens não aceitam o matrimónio, mas antes o que procuram quando falam de amor, liberdade, dignidade e futuro, e como acompanhá-los na descoberta de que o seu desejo mais profundo de amor pode tornar-se uma vocação, um dom livre, fiel e duradouro de si mesmos ao outro.

1. Como os jovens vivem hoje o amor

Os jovens vivem as relações num ambiente cultural muito diferente daquele das gerações anteriores. A comunicação digital tornou possível estabelecer contactos com maior facilidade e rapidez. Ao mesmo tempo, manter uma relação pessoal com alguém pode tornar-se muito desafiante. A cultura do imediatismo ou imediatidade e da escolha contínua pode influenciar a sua experiência de intimidade, enquanto o casamento exige paciência, dedicação, perdão e perseverança.

Contudo, isto não deve ser interpretado apenas de forma negativa. Os jovens trazem também para as relações um forte desejo de autenticidade. Muitos não estão dispostos a aceitar relações marcadas pela dominação, manipulação ou desigualdade. Esperam cada vez mais respeito mútuo e igual dignidade entre mulheres e homens. Rejeitam, justamente, a violência e qualquer forma de abuso no interior das relações.

Isto não constitui uma dificuldade para apresentar a visão cristã do matrimónio. Pode tornar-se um ponto de contacto com o Evangelho. O matrimónio cristão é uma aliança de recíproco dom de si. A

dignidade de cada pessoa é salvaguardada porque marido e mulher se acolhem um ao outro como pessoas e como dons, e não como propriedades.

Na Índia, esta dimensão assume uma importância particular. Os jovens encontram-se não apenas com concepções culturais do matrimónio em mudança, mas também com as realidades concretas das castas, da desigualdade económica, da discriminação de género, da migração, das expectativas relacionadas com o dote e, em algumas situações, da violência contra as mulheres. A apresentação cristã do matrimónio não pode ser separada destas realidades vividas. A família cristã deve tornar-se um lugar onde a dignidade, a igualdade, a reconciliação e a não violência sejam experimentadas concretamente.

Escutar os jovens pede-nos, portanto, não apenas que encontremos novas formas de falar sobre o matrimónio, mas também que examinemos se os matrimónios e as famílias que eles encontram entre nós encarnam verdadeiramente aquilo que proclamamos: fidelidade, respeito mútuo, perdão, misericórdia e perseverança.

2. Como os jovens imaginam o seu futuro

A segunda questão diz respeito ao futuro. Muitos jovens de hoje têm dificuldade em imaginar uma vida pessoal, relacional e familiar estável e com sentido. A insegurança económica, as dificuldades de emprego, os custos da habitação, a migração, a instabilidade social e as preocupações ecológicas podem fazer com que o futuro pareça incerto.

Para alguns, portanto, adiar o matrimónio não constitui simplesmente uma rejeição do matrimónio. Pode refletir uma crise de confiança na possibilidade de construir uma vida estável e duradoura com outra pessoa.

Aqui encontramos uma importante questão antropológica: *o que significa liberdade?*

Na cultura contemporânea, a liberdade pode facilmente ser entendida sobretudo como ter escolhas, a liberdade de manter abertas as próprias opções, de mudar de direção e de evitar compromissos permanentes. A antropologia cristã propõe algo mais profundo: a liberdade alcança a sua maturidade não apenas na capacidade de escolher, mas na capacidade de se entregar.

Uma pessoa torna-se capaz de uma aliança quando a liberdade é entendida não como fuga ao compromisso, mas como capacidade de fazer de si mesma um dom livre e responsável.

É por isso que a vocação ao matrimónio não pode ser apresentada simplesmente como uma obrigação ou uma instituição social. Deve ser apresentada como uma possibilidade de realização humana: duas pessoas que escolhem livremente pertencer uma à outra, construir uma vida em comum, acolher os filhos como um dom e perseverar juntas através das alegrias, responsabilidades e dificuldades que a vida traz.

Há também outra dimensão. Muitos jovens de hoje estão profundamente preocupados com a justiça social, o ambiente e o bem comum. Estas preocupações não devem ser consideradas separadamente da vocação ao matrimónio. Revelam um desejo de um futuro digno de ser vivido.

Escutar esta aspiração deveria mudar a forma como apresentamos o matrimónio e a família cristãos: não simplesmente como um espaço privado de realização pessoal, mas como uma comunhão de pessoas com responsabilidade perante a sociedade e a criação. Quando os jovens participam ativamente na defesa da dignidade humana, no serviço aos pobres, no cuidado da criação e no trabalho em favor do bem comum, podem experimentar que o futuro é algo que podem ajudar a construir. Essa

participação pode fortalecer a sua confiança de que é possível um futuro melhor e de que o matrimónio e a família podem ter um lugar significativo nesse futuro.

A própria família pode tornar-se um agente moral de transformação social. Um casal que aprende a fidelidade, a responsabilidade, a solidariedade, o cuidado da criação e a preocupação pelos mais vulneráveis já está a contribuir para a renovação da sociedade.

3. Ajudar os jovens a descobrir o matrimónio como vocação

Amoris laetitia recorda-nos que o matrimónio não é simplesmente um acordo social, mas uma vocação enraizada no amor. Se este é o nosso ponto de partida, a formação deve começar muito antes da preparação imediata para o casamento.

Os jovens devem ser orientados sobre aquilo que torna possível uma aliança matrimonial. Isto significa formar virtudes: fidelidade, responsabilidade, castidade, perdão, perseverança, generosidade e abertura à vida. Significa aprender a comunicar, a resolver conflitos, a pedir desculpa e a perdoar. Significa descobrir que o amor não se sustenta apenas pela emoção, mas por decisões repetidamente tomadas para o bem do outro.

Em vez de apresentar a moral cristã principalmente em termos de proibições e obrigações, precisamos de falar do amor como dom, da liberdade como entrega de si, da sexualidade como capacidade da pessoa de amar e de se entregar, da fidelidade como fundamento da confiança e da estabilidade, e do casamento como uma aliança capaz de dar sentido à vida.

É aqui que a teologia moral e o acompanhamento pastoral se encontram. Uma norma moral identifica o bem; uma formação saudável ajuda a pessoa a adquirir a liberdade e as virtudes necessárias para escolher esse bem.

E a formação não pode ser algo feito apenas *para* os jovens. Deve ser cada vez mais feita *com* eles. Os jovens casais podem falar aos seus pares com uma credibilidade que uma instituição, por vezes, não consegue oferecer, enquanto os casais mais velhos podem oferecer a sabedoria de uma fidelidade vivida e tornar-se mentores e testemunhas. O seu testemunho sobre o perdão, o sacrifício, a oração, a educação dos filhos, o conflito e a reconciliação pode tornar concreta a beleza e o realismo do matrimónio.

Os jovens que estão a discernir o casamento devem ser protagonistas da sua formação. Mesmo os jovens que vivem em união de facto podem participar, quando for apropriado, na preparação para o casamento e no discernimento. As suas histórias, perguntas e experiências podem tornar-se parte da escuta e do acompanhamento da Igreja. É dever de toda a comunidade eclesial desenvolver um caminho catecumenal de preparação e acompanhamento para o matrimónio.

4. Escutar muda a forma como apresentamos o matrimónio

Mas, antes de a Igreja poder falar de forma convincente, deve primeiro escutar. Escutar é um ato de discernimento eclesial: procuramos compreender as experiências, esperanças e medos dos jovens, para que o Evangelho possa ser proclamado no interior da sua realidade vivida.

A escuta permite-nos distinguir entre uma rejeição do casamento e o medo de que um amor que se compromete para toda a vida possa já não ser possível. Isto é particularmente importante num mundo

onde os jovens podem ter vivido rupturas familiares, separações, violência, abandono ou relações que fracassaram. A sua hesitação pode conter feridas, bem como perguntas.

A nossa resposta deve, portanto, manter unidas a verdade e a misericórdia. Não podemos abandonar a verdade sobre o matrimónio, mas também não podemos proclamá-la sem entrar na vida concreta daqueles que acompanhamos. A credibilidade da Igreja dependerá em grande medida do facto de os jovens encontrarem entre nós precisamente as qualidades que lhes pedimos: fidelidade, reconciliação, misericórdia, respeito mútuo e perseverança.

5. Acompanhar os casais em coabitação rumo à plenitude do matrimónio

Isto torna-se especialmente importante quando acompanhamos casais que vivem em coabitação. As suas situações são diversas, e devemos evitar tanto a indiferença como a condenação. A primeira tarefa é conhecer a sua história: Por que razão escolheram viver juntos? O que esperam? Que medos ou obstáculos se encontram diante deles? O que já existe de bom na sua relação? Onde podemos discernir sinais de generosidade, fidelidade, responsabilidade e graça?

Mas o acompanhamento deve também envolver um verdadeiro discernimento. A questão não é simplesmente: *Como podemos conduzir este casal até ao casamento?* É também: *Estas duas pessoas são verdadeiramente chamadas ao casamento e estão preparadas para entrar numa aliança matrimonial para toda a vida?*

Algumas relações de coabitação podem conter amor autêntico e elementos importantes de compromisso, continuando, porém, a faltar-lhes as condições necessárias para uma aliança matrimonial madura. O acompanhamento pode, portanto, conduzir um casal ao matrimónio; mas pode também ajudá-lo a reconhecer que ainda não está preparado para assumir tal compromisso.

Em qualquer dos casos, a gradualidade nunca deve significar que o bem se torna relativo. Significa, antes, respeitar o caminho da pessoa, continuando ao mesmo tempo a apontar para a plenitude da vocação.

Aqui, a narrativa de Emaús oferece-nos um paradigma valioso. Jesus aproxima-se, escuta os discípulos, entra na sua experiência, interpreta a sua situação à luz das Escrituras e, gradualmente, conduz-os ao reconhecimento e ao encontro. A Igreja é chamada a acompanhar os jovens de forma semelhante: aproximando-se, escutando profundamente, iluminando a sua experiência com o Evangelho e ajudando-os a discernir o próximo passo de fidelidade.

6. Um só Evangelho, muitos contextos

A vocação ao matrimónio cristão é universal, mas as circunstâncias em que os jovens a descobrem são profundamente diversas.

Em algumas sociedades, o individualismo, a coabitação e a diminuição da confiança nas instituições podem constituir grandes desafios. Noutras, as expectativas dos pais, as pressões económicas, a migração, as práticas relacionadas com o dote ou as desigualdades sociais podem influenciar a decisão de casar. Em situações de guerra, perseguição, deslocação ou pobreza, a própria possibilidade de constituir uma família estável pode estar ameaçada.

O Evangelho permanece, portanto, um só, mas os caminhos pastorais não podem ser idênticos em toda a parte. Na Índia, por exemplo, ajudar os jovens a descobrir o matrimónio exige que falemos

simultaneamente da beleza da aliança e da dignidade das mulheres e dos homens, da rejeição da violência e da dominação, da justiça económica, do cuidado da criação e da responsabilidade das famílias perante a comunidade mais ampla.

Isto recorda-nos que a vocação ao matrimónio não diz respeito apenas à felicidade privada de dois indivíduos. Diz respeito à construção de uma comunhão de pessoas capaz de gerar vida, servir a sociedade e contribuir para o bem comum.

Conclusão

Talvez a questão mais profunda que temos diante de nós não seja: «Porque estão os jovens a rejeitar o matrimónio?», mas antes: «O que nos estão os jovens a dizer sobre o seu desejo de amor, os seus medos em relação ao futuro e o seu anseio por uma forma de vida que seja simultaneamente significativa e digna de confiança?»

Eles perguntam se o compromisso pode ainda ser uma fonte de liberdade, se a fidelidade pode ainda ser uma fonte de alegria, se a família pode ainda ser um lugar de segurança e pertença e se o amor pode realmente durar.

A nossa resposta deve, portanto, ser mais do que instrução. Deve ser testemunho, formação, discernimento e acompanhamento. Precisamos de ajudar os jovens a descobrir que o matrimónio cristão não diminui a liberdade, mas leva a liberdade à sua realização através do dom de si; que a fidelidade não é um fardo, mas o fundamento da confiança; que a sexualidade não diz respeito apenas ao desejo, mas à capacidade de se entregar; e que a família não está fechada sobre si mesma, mas pode tornar-se uma escola de solidariedade, justiça, cuidado da criação e serviço ao bem comum.

Acima de tudo, os jovens precisam de encontrar matrimónios e famílias nos quais o Evangelho seja visivelmente vivido. Precisam de testemunhas capazes de dizer, não simplesmente, «*O matrimónio é belo*», mas: «*Conhecemos as suas dificuldades, conhecemos o fracasso e o perdão, o sacrifício e a alegria, e descobrimos que o amor pode durar*».

A sede de amor não deixou de existir no coração humano. O que muitas vezes se enfraqueceu foi a confiança de que o amor pode durar.

Talvez seja aqui que começa a missão da Igreja: não reduzindo a beleza da vocação cristã, mas tornando essa beleza credível através da vida daqueles que descobriram, com a graça, que um amor livre e fiel continua a ser possível.